

www.autoresespiritasclassicos.com



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

As pesquisas do Reverendo Haraldur Nielsson com o médium Indridi Indridasson

Extraídos da obra
Haraldur Nielsson - O Espiritismo e a Igreja

I

Minhas experiências espíritas

Os estudos psíquicos são, efetivamente, a mais nova de todas as ciências. É de admirar que isto seja verdade, porque o objeto dessas pesquisas constitui uma coisa muito importante para a Humanidade, especialmente para a nossa alma.

Com razão se poderia pensar que os homens não têm grande desejo de aprender algo de preciso, não somente sobre o seu corpo, mas sobre o seu verdadeiro ego, o seu eu, aquilo que pensa, sente e age.

Sabemos todos que o velho Sócrates fazia, no curso do seu ensino, uma espécie de leit-motiv destas palavras: “Conhece-te a ti mesmo”.

Mas, se a ciência médica nos ensina, de maneira admirável, a conhecer o corpo humano, não nos conhecemos, entretanto, a nós mesmos e isto durante tanto tempo que não sabemos se o eu – a consciência, ou a alma – pode existir sem o corpo terrestre.

Os psicólogos investigam, sempre, de que maneira o espírito ou a consciência funciona no corpo, mas não explicaram ainda se a consciência, liberta do corpo ou sem ele, subsiste e se sobrevive à morte,

à separação do corpo.

Quando esta pergunta necessita de uma resposta, eles se refugiam no silêncio ou então dizem o que disse, um dia, o meu velho professor de Psicologia, Harald Hoffding, o célebre professor dinamarquês: “Veremos! Nossa própria morte nos trará a resposta”.

Desejamos, portanto, saber alguma coisa antes dela e, se muitos psicólogos parecem estar ainda cegos, um caminho seguro já foi encontrado, o qual nos levará a conhecimentos bem mais interessantes do que os descobertos até aqui pelos psicólogos.

Foram os “simples” espíritas que, verdadeiramente, indicaram este caminho. Desde então, há anos vêm eles anunciando aos homens: “Descobrimos algo de novo, algo de maravilhoso. Podemos entrar em comunicação com o mundo invisível, podemos conversar com os nossos caros mortos que vivem no Além uma vida mais elevada do que a nossa!” Foi então que se iniciaram as investigações psíquicas.

Os primeiros pesquisadores psíquicos, na sua maior parte, foram cépticos, senão mesmo adversários renitentes do Espiritismo, porém todos aqueles que, verdadeiramente, aprofundaram a questão, não em algumas semanas ou alguns meses, mas numa série de anos, ficaram todos convencidos da realidade dos fenômenos e muitos dentre eles da possibilidade de entrar-se em relação com os seres inteligentes de um mundo que nos é invisível e, em particular, com os nossos mortos queridos.

Estes têm o desejo fervoroso de demonstrar-nos a sua sobrevivência, de trazer-nos consolo e conforto, de ofertar-nos conhecimentos mais extensos sobre os maravilhosos caminhos que nos conduzem a Deus e sobre a magnificência da criação.

Tudo isso, que constitui o objeto das pesquisas psíquicas, é tão desconhecido do povo que é a coisa mais natural do mundo exigirem-se as mais severas provas. Por isso é natural ouvi-lo perguntar: “Que aprendestes? Vistes os pretensos fenômenos espíritas com os teus próprios olhos? Como Tomé, o incrédulo, sentiste e apalpaste-os com tuas próprias mãos?”

A experiência é bem a grande mestra dos homens. Todos podem ter idéia de um país montanhoso se leram alguma coisa a respeito, mas só depois de o terem visto, de o terem percorrido, é que dele nos dão uma notícia

mais completa. Quem conhece melhor a montanha é o que nela nasceu, cresceu e nela viveu longa vida.

Acontece o mesmo nas investigações psíquicas. Podemos aprender muito nos livros, mas somente pela experimentação e pesquisas tenazes e variadas é que possuiremos conhecimentos mais perfeitos sobre essas questões. Há 17 anos que comecei as minhas investigações e a experiência que adquiri durante esses anos é coisa única que me confere o direito de fazer estas conferências. Se não tivesse a experiência de tantos anos, na qual me posso apoiar, não teria a ousadia de falar de tão importante questão. Creio que cometem um grande erro os homens que se pronunciam sobre coisas que não conhecem, ou somente do ponto de vista da opinião preconcebida, porque correm assim o grande risco de trabalhar contra o espírito da verdade.

E eu creio que, mais ainda, em nossos dias, o fazem, não somente muitos homens ignorantes na grande multidão, mas até mesmo pretensos sábios que são, talvez, extraordinariamente insignes na sua especialidade, mas crêem falsamente que essa especialização lhes permite pronunciar-se sobre coisas que jamais presenciaram e que, na realidade, ignoram.

De tempos em tempos, tais indivíduos falam e afirmam coisas com uma arrogância tal que só pode espantar-nos.

Eles estão, na verdade, tão cheios de preconceitos quanto essa espécie de religiosos que se opõem a tudo o que, na sua opinião, contradiz a dogmática tradicional.

Se lhes devo falar acerca de minhas experiências pessoais no domínio psíquico, mister se faz compreender que, nesta conferência, não posso citar senão alguns exemplos, visto que tudo o que assisti, em muitos anos, não pode ser relatado num curto espaço de tempo.

De outro modo, seria obrigado a fazer uma série de conferências.

Iniciamos as nossas investigações psíquicas na Islândia, no outono de 1904. É ao escritor Einar H. Kvaran que o devemos, mas ele não sabia bem como se devia organizar uma sessão, porém felizmente uma dinamarquesa, mulher de letras, de passagem por Reykjavik, nos ensinou como devíamos formar o que se chama um círculo espírita.

A princípio não fiquei muito encantado com o resultado obtido. Eu era céptico e cheio de objeções que aumentaram dois meses depois. Deixei o

círculo, não querendo assistir a coisas tolas. Tive-lhes até aversão. A verdade é que o círculo não havia ainda descoberto um verdadeiro médium; porém, alguns meses depois encontramos um, bem dotado de poderes mediúnicos.

Meu amigo escritor falou-me sobre ele e eu senti que se me despertava, de novo, a curiosidade. Pedi para fazer, novamente, parte do círculo.

Logo na primeira sessão com o médium, tive oportunidade de observar algo que me causou grande surpresa. Foi uma grande prova de identidade. Desde então, interessei-me pelos estudos psíquicos muito mais do que por qualquer outra coisa deste planeta. E sei que assim será até a minha morte. Esse médium é um moço de nome Indridi Indridasson, filho de pastores islandeses, o qual fora para Reykjavik a fim de fazer-se impressor.

Ele não ouvira falar antes dessas questões. Por acaso, se é verdade que existe algo que se possa assim chamar, ele fora visitar a família em cuja casa se realizavam as experiências. Era muito céptico e riu, a princípio, de todas essas coisas até que caiu em transe e começou a tomar parte na produção dos mais notáveis fenômenos.

Verificou-se logo que uma outra inteligência ou que outras inteligências agiam fora do médium.

Indridasson escrevia automaticamente. Perguntamos se ele era médium de incorporação. A mão respondeu que sim, mas que a sua mediunidade não estava bastante desenvolvida e que era com prudência que se devia pô-lo em transe.

Algum tempo depois, isto se produziu numa sessão, quando ele escrevia automaticamente. As mensagens que recebíamos eram assinadas: Stulkan (moça). O médium, que era moço e gostava de brincar, perguntou em tom de zombaria: “Quem és tu? Como te chamas, moça?”

O espírito deu-lhe uma pancada no braço e rapidamente escreveu: “Não deves zombar de mim...” e, em seguida: “Agora ele deve cair em transe”.

Perguntamos como devíamos assentá-lo e comportar-nos. A mão nos deu indicações precisas. Cinco minutos depois, caía ele em transe. Ficamos um pouco espantados, porém logo a mão escreveu mais claramente, como se a inteligência invisível, no estado de transe, tivesse mais força sobre o organismo do médium.

A mesma entidade continuou a escrever. Ela nos comunicou que não

havia necessidade de ficarmos ansiosos, pois que protegeria o médium e tudo correria bem. Permitiu que lhe fizéssemos perguntas, porém lhe pedimos que acordasse, logo que possível, o médium.

Finalmente ela acedeu, um pouco espantada de nossa ansiedade, tendo escrito ainda algumas frases e despertado o médium do seu transe mediúnico de meia hora.

O médium ficou muito espantado quando acordou, não podendo compreender o que se passara. Ele não se lembrava de nada desse sono, a não ser de uma moça que vira, a qual pretendia conhecê-lo.

Soubemos mais tarde quem era essa jovem e pudemos verificar a exatidão do fato.

Deveis considerar, meus senhores e minhas senhoras, que era a primeira vez que tal experiência se fazia na Islândia. Nenhum de nós vira, até então, um médium em transe.

A literata dinamarquesa não estava presente dessa vez, porém havíamos lido que não se deve realizar tais experiências sem um espírito experimentado ou pessoas acostumadas a essas coisas.

Podeis, deste modo, facilmente compreender a nossa ansiedade. Não foi senão uma fraca estréia, mas o profeta e o salmista nos lembraram de que não devemos “desprezar o dia dos fracos começos” ou “o dia do pequeno começo”, como diz a tradução norueguesa da Bíblia – mais correta do que a tradução dinamarquesa (Zacarias, cap. 4, vers. 10).

Devíamos obter fenômenos mais notáveis.

Durante o outono de 1905, a mediunidade de Indridasson se desenvolveu ao mais alto grau. Obtivemos incorporações, fora da escrita automática produzida em transe. Começaram, então, as levitações e os fenômenos luminosos. Não foram somente mesinhas que se levantaram, mas o próprio médium foi levitado até o teto do aposento.

Certa vez o sofá, sobre o qual o médium se achava deitado, levitou com ele em cima, em torno da mesa. Isso se produziu na minha casa, no aposento em que realizávamos, à noite, nossas sessões.

Estávamos sentados, é verdade, na obscuridade, mas, mesmo na penumbra, o médium não teria podido transportar o sofá, sobretudo por estar nele deitado. Este, muito docilmente, passou por sobre nossas pernas e pudemos tocar o médium. O sofá não feriu pessoa alguma e voltou ao

lugar donde saíra, tudo como se a força inteligente, que dirigia essas levitações, pudesse ver muito bem na escuridão.

Não pudemos observar os fenômenos luminosos, que se produziam na obscuridade, pois enquanto eles se verificavam tínhamos os olhos no médium e conservávamo-nos em guarda.

Experimentamos, muitas vezes, a realidade do transe mediúnico, espetando, no escuro, o médium, com alfinetes, sem que ele pudesse ter o menor pressentimento do que íamos fazer, praticando-o, especialmente, em lugares mais sensíveis. Era como se tivéssemos espetado um pedaço de madeira.

Ele não se mexia. Entretanto, no estado de vigília o médium era tão sensível que se, sem o avisar, o picasse alguém no braço com um alfinete, ele corria dum extremo ao outro do quarto, soltando fortes gritos. Repeti várias vezes a experiência, a fim de ficar bem seguro disso.

Logo tornou-se hábito em nossas sessões sentar-se um de nós perto do médium e colocar-lhe os braços nas costas ou segurar-lhe uma das mãos ou mesmo ambas, quando se tratava de fiscalizar um fenômeno.

Desobriguei-me muitas vezes desse cuidado.

Os fenômenos luminosos começaram por línguas de chamas, de uma cor azul avermelhada.

Não víamos senão uma delas de cada vez, mas precipitavam-se uma atrás da outra, em vários lugares da sala. Certa noite, contei 58 delas.

Muitas vezes ouvíamos, ao mesmo tempo, uma curiosa detonação no ar, a qual era logo seguida de outra. Era muito interessante.

Mais tarde os fenômenos luminosos se desenvolveram ainda mais e quase toda a parede, por detrás do médium, ficou como um oceano de fogo, com desenhos característicos, semelhantes às malhas de uma rede.

Depois de algumas sessões, vimos uma forma surgir da luz. Foi então que começamos a ficar vivamente interessados.

Devo observar que um espírito-guia tomara a direção dos trabalhos. Foi, primeiramente, a jovem senhora do Além quem dirigiu as nossas experiências, como nos fora comunicado, auxiliada por uma inteligência masculina que se apresentava como avô do médium.

Essas duas inteligências ou espíritos-guias lamentavam não possuir bastante poder sobre o médium: ele não lhes obedecia bastante e elas

tinham grande trabalho em protegê-lo contra espíritos muito menos evoluídos que se apoderavam da força psíquica que dele emanava.

De tempos em tempos, notava-se que o médium em transe se espantava diante de algo que ele chamava espíritos atrasados. Foi para impedi-lo que o novo espírito-guia tomou a direção dos trabalhos. Era muito enérgico e autoritário e recusou-se, no começo, a dizer-nos quem era. Servia-se de um pseudônimo, pois não queria que o médium soubesse quem era.

Quis que nada se dissesse a Indridasson sobre a sua pessoa, tendo nos informado, em particular, que era irmão do avô do médium. Temia que o tomasse menos a sério se adivinhasse que era seu parente.

Foi por esse motivo que chegou a dominá-lo completamente.

Era preciso ensinar o médium a respeitar o espírito-guia, dizia ele, e a obedecer-lhe.

E agora não vos espanteis em saber que ele pretendia ter sido, na sua vida terrestre, professor na Universidade de Copenhague.

Talvez fosse essa a razão pela qual tinha um dinamarquês muito competente para auxiliá-lo. Esse seu muito ilustre assistente contou-nos que seu nome era Emil Jensen, que tinha sido fabricante e que habitara Copenhague.

Como deveis compreender, Jensen devia vencer grandes dificuldades, pois que era necessário falar uma língua estrangeira pelo vocabulário do médium Indridasson, que jamais aprendera outra língua além do islandês (o islandês e o dinamarquês são tão diferentes e mesmo mais diferentes que o dinamarquês e o alemão) e não aprendera senão o que os filhos do campo, na Islândia, aprendem para a confirmação, numa época em que não havia escolas regulares. Jensen, porém, obteve pleno êxito, de maneira espantosa, e ainda que, de tempos em tempos, as palavras saíssem um pouco estropiadas dos lábios do médium, tinham muitas vezes a melhor pronúncia de Copenhague.

Algo que, em toda primeira linha, tornou Jensen popular em nosso círculo foi a comunicação que nos fez certa noite: havia um incêndio numa das ruas de Copenhague e a casa que estava presa das chamas era uma fábrica.

Gracejando, ele disse a um dos meus amigos que parecia que Jensen se interessava ainda pelas usinas, embora estivesse no Além.

Ocupei-me, com interesse, em saber se ele podia realmente, estando na Islândia, informar-nos de um incêndio que, naquele mesmo instante, ocorria em Copenhague. Não tínhamos telégrafo naquela época. Foi no dia 24 de novembro de 1905. Para que tivéssemos uma testemunha fora do nosso círculo, fui à casa do meu tio, Hallgrimur Svensson, que era então Bispo, e comuniquei-lhe o que Jensen acabara de participar. Pedi-lhe que registrasse o fato.

Meu tio recebia o Politiken, e Jensen disse, mais tarde, que ele havia visto uma pessoa ler, na manhã seguinte, nesse jornal, a descrição do incêndio. Por ocasião do Natal chegou o primeiro barco-correio da Dinamarca e o meu tio buscou, curiosamente, a notícia do Politiken. Efetivamente, o incêndio se produziu da maneira descrita. Fora a fábrica de lâmpadas e lustres da Rua Real, de Copenhague, que pegara fogo. O dia e a hora da tarde indicados por Jensen concordavam exatamente. Na primeira sessão depois do Natal comunicamos a Jensen o que lêramos no Politiken e lhe agradecemos. Rejubilou-se por ter esse fato vencido o nosso cepticismo. Fizemos, em seguida, conhecimento com várias outras personalidades mediúnicas, para nos servirmos dessa expressão científica. Espontaneamente, disseram ser espíritos desencarnados, que tinham outrora vivido na Terra.

Devo declarar que sempre tive certo respeito pelo que diziam.

O espírito-guia parecia ter um estado maior de colaboradores, do qual a maior parte era constituída de islandeses (isto é, que tinham vivido suas existências terrestres na Islândia), havendo, entretanto, alguns estrangeiros.

Um deles, no decurso das sessões, foi chamado sempre o “médico norueguês”. Fora, quando na Terra, conhecido do professor. Esse norueguês se exprimia pelo médium, em norueguês, na língua oficial, porém declarou poder falar também na língua popular e, de tempos em tempos, servia-se de palavras que não compreendíamos e que íamos procurar no dicionário de Ivar Assen, onde as encontrávamos.

Por exemplo, ele disse duma feita: “Isto deve ser apenas um emning”.

Não podíamos compreender esta palavra, porém descobrimos mais tarde, no referido dicionário, que significa preparo.

Esse médico norueguês foi particularmente apreciado por todos nós e os

nossos amigos do Além lhe dispensavam muita estima. Excetuando ele, quatro eclesiásticos pertenciam ao estado-maior, assim como um pastor extraordinariamente intrépido, acompanhado de alguns dos seus amigos.

Além desses, um cantor norueguês e uma senhora francesa, que cantavam maravilhosamente. E, de quando em quando, vinham, a título de assistentes, um médico holandês, um médico inglês e ainda um alemão, oficial, creio eu. Este dirigiu, certa vez, as levitações.

Obtivemos o nome da maior parte deles, mas se eram realmente essas inteligências não pudemos sabê-lo. O que posso apenas dizer é que ficamos muito surpresos quando, com a ajuda de um dicionário alemão, descobrimos que um alemão existira, de fato, com o muito bizarro nome que o médium nos declinara. Afirmando que o médium, no seu estado normal, não conhecia esse dicionário, ainda menos o nome, se bem que esse último nos fosse comunicado, durante o seu transe, por um dos espíritos-guias, por meio do seu instrumento.

Experimentamos com um médium mais de 5 anos e fizemos, regularmente, uma ou duas sessões por semana, de meados de setembro até fim de junho. As personalidades mediúnicas estiveram ali presentes com a mesma regularidade, como se fossem pessoas vivas na Terra.

Não aconteceu nunca que elas se confundissem, embora se servissem do mesmo corpo para se manifestar.

Mas não foi só esse valente estado-maior que se manifestou pelo médium. Uma multidão de outras entidades se comunicaram.

Por exemplo, numa sessão, 26 inteligências diferentes se sucederam e falaram. Eram todas distintas umas das outras.

Que faziam essas inteligências? Procuravam convencer-nos de que não eram parte da subconsciência do médium, mas criaturas viventes em um mundo que é invisível à generalidade dos homens, que elas, outrora, viveram na Terra e que já tinham passado por essa grande transformação tão receada pela maior parte dos seres: aquilo que chamamos morte.

Serviam-se de vários meios para atingir esse fim. Tinham conosco longas conversas e contavam-nos o seu trespasse e a vida de além-túmulo. Recordavam particularidades e acontecimentos de suas existências terrenas. Nomeavam muitas vezes pequenos detalhes que ao médium era impossível conhecer. Em outras palavras, esforçavam-se em provar-nos

suas identidades.

Em seguida procuraram convencer-nos de que dispunham de forças que não são aqui conhecidas. Buscaram, por exemplo, deslocar cadeiras, mesas ou outros objetos, sem que o médium ou qualquer outra pessoa os tocasse. Quanto mais o médium se desenvolvia, tanto mais os seus esforços se dirigiam nesse sentido.

Elevaram, várias vezes, o médium a grande altura. Para podermos fiscalizar esse fenômeno, colocamos Indridasson, certa noite, numa cadeira de vime que estalava ao menor movimento.

Colocamos essa cadeira num dos cantos da peça e dispusemos, em seguida, cadeiras em duas fileiras tão cerradas que toda a passagem entre elas era impossível. Apagamos a luz. Em pouco tempo o médium, colocado na cadeira de vime, foi elevado do chão e todos os assistentes ouviram, muito nitidamente, a cadeira estalar enquanto o médium deslizava por cima das nossas cabeças, sendo depois colocado no soalho, detrás das cadeiras.

Acesa a luz, vimos o médium, inconsciente (em pleno transe), na cadeira de vime, na qual parecia ter ficado sentado e imóvel durante seu deslocamento aéreo.

Uma vez, mais tarde, esse fenômeno de levitação não foi menos assombroso. Foi no dia 18 de janeiro de 1909. Fiquei com dois experimentadores, depois do fim da sessão, na casa do médium. As inteligências invisíveis pareciam ter dificuldades em despertá-lo.

Elas deram a seguinte explicação: “Acontecia isso porque lhes fora muito difícil restituir ao médium um pouco da força ectoplásmica que lhe haviam tirado do corpo”.

Ele se tornara então médium de voz direta, e nessa noite várias vezes se fizeram ouvir. Numa espécie de meio transe, num estado de semiconsciência tal que ele vivia em dois mundos e parecia poder conversar conosco tão facilmente quanto com os seres do mundo invisível, disse-nos: “Para onde quereis arrastar-me?”

Pouco depois escutávamos todos os três sua voz falando do teto e conjeturamos que seria perigoso se ele caísse ao chão, porém ouvimos um dos assistentes do espírito-guia dizer também lá do teto: “Não tendes medo”.

Todos os três vimos e ouvimos como, nesse quarto, com a altura de seis côvados, ele fora comprimido contra o teto e como aí batia com os punhos. Pouco tempo depois desceu, sendo-nos permitido acender a luz. Ele estava estendido sobre a mesa, em profundo estado de transe.

Quando obtínhamos intensos fenômenos luminosos, antes um forte golpe de vento quase sempre se produzia. Essa rajada de vento era tão violenta que os nossos cabelos flutuavam em nossas cabeças e as folhas dos cadernos, que tínhamos abertos sobre os joelhos, eram sacudidas de um lado para outro.

Três vezes obtivemos um fenômeno que pareceria incrível à maior parte da gente: o braço esquerdo do médium foi completamente desmaterializado, desapareceu e foi impossível achá-lo, ainda que iluminássemos o local e minuciosamente examinássemos o médium.

Na última noite designaram-se sete pessoas para fiscalizar esse fenômeno. Fizeram luz em torno do médium; a manga pendia vazia como dantes. Apalpamos o ombro do médium, mas não o despimos.

Os sete membros dessa comissão de pesquisas assinaram, todos, sob juramento de honra, uma ata desse caso.

Bem sei que esse fenômeno é muito raro, mas não é desconhecido em outros países. Sei, por uma correspondência trocada com um psiquista francês, que ele foi observado e fotografado naquele país.ⁱ

Os espíritos dirigentes pareceram ficar muito satisfeitos com esse resultado, porque pensavam ter assim a certeza de que Indridasson era médium de materialização e Jensen julgava que ele estaria em estado de mostrar-se em menos de três meses, quando as experiências passassem para esse terreno de pesquisas, o que não se deu. O médium ficou subitamente enfermo e os ensaios de materialização tiveram de ser transferidos para mais tarde.

No outono seguinte as experiências recomeçaram e requereram muita paciência, tanto da parte dos experimentadores quanto da das inteligências invisíveis. Em 1906, no dia de Natal, obtivemos, finalmente, um resultado compensador.

Utilizávamos então dois compartimentos que havíamos alugado na casa de Einar H. Kvaran. Estávamos sentados com o médium num quarto bastante espaçoso, ao lado do qual se encontrava um pequeno aposento

que os espíritos-guias nos declararam empregar para o seu próprio uso. Pouco antes do Natal esse aposento começou a encher-se de uma forte luz branca e nessa luz apareceu uma forma que pretendia ser Jensen desencarnado. Ele se mostrou, primeiramente, entre as duas cortinas da porta e, com um legítimo acento de Copenhague, exclamou: “Podeis ver-me?”

Depois do Ano Novo ele se mostrou na peça em que estávamos sentados com o médium no meio de nós, como não vos deveis esquecer.

O médium estava mergulhado em profundo estado de transe. O novo visitante trazia uma veste branca e muito fina, a qual caía em numerosas dobras até o solo. Dele emanava luz. Vimo-lo em vários lugares do aposento.

Certa vez ele se colocou de pé em cima de um sofá e por detrás dele brilhava uma luz vermelha que se assemelhava a um pequeno sol do qual irradiava uma luz branca. Não poderei jamais esquecer tão maravilhoso espetáculo!

Muitas vezes o novo hóspede conseguia mostrar-se na mesma sessão sete ou oito vezes, em diversos lugares do quarto. Em numerosas ocasiões vimos distintamente o médium e a forma materializada; ao mesmo tempo, porém, o visitante maravilhoso não podia tornar-se visível senão um instante (alguns segundos somente). Quando ele acabava de fazer-se visível, procurava tocar algum dos assistentes com a mão, o pé ou o braço e permitia-nos apalpar seu corpo efêmero, antes de desmaterializar-se.

Traduzo uma pequena passagem do meu diário, relativa à sessão de 4 de fevereiro de 1907, realizada às 8 horas da noite, tal qual a redigi na manhã seguinte, entre as onze horas e o meio-dia.

Jensen apareceu, primeiramente, três vezes, na posição que ocupava: sentado na cadeira do médium, no seu colo. Eu estava sentado na primeira fila e os vi, distintamente, especialmente suas cabeças e os braços de Jensen.

Logo depois ele se mostrou num canto, junto à porta que comunicava os dois quartos. Estava vestido com a sua veste branca; os braços, apoiados contra a parede, eram vistos nitidamente.

Mostrou-se, em seguida, com mais nitidez ainda, perto da cortina. Depois, mais nítido ainda, no sofá. Depois ainda, e com uma extraordinária

clareza, perto da janela, no outro extremo do quarto e, imediatamente, perto da minha prima Sra. Sigridur Björnsson.

Finalmente, colocou-se por detrás do encosto da cadeira do médium, de modo que sua cabeça quase tocava o teto.

Uma outra forma apareceu, logo depois, no vão da porta. Apenas lhe era visível a parte superior do corpo, porém a vi, distintamente, com a sua roupagem branca.

Diversos assistentes foram, em seguida, tocados. Senti que um pé descalço me tocava o joelho; era um pé frio. Segurei-o, apalpei-lhe os dedos grandes e reconheci o grande artelho e a sua unha. O pé elevou-se, em seguida, no ar e o segui com a mão, tanto tempo quanto a minha posição, sentada, o permitiu. Alguns instantes depois coloquei ambas as mãos sobre os meus joelhos. Um pé materializou-se-lhes em cima. Estava descalço; era um pé frio e humano. Por último, senti roçar-me a face uma mão ou pé e pareceu-me que dois dedos me tocavam as maçãs do rosto.

Segundo ordem do guia principal, convidamos três pessoas, que não pertenciam à Sociedade, para assistirem, como testemunhas, a uma sessão.

Alguns dentre nós, que tínhamos feito parte do círculo desde a sua estréia, possuíamos cultura acadêmica e desejávamos, firmemente que esses três observadores fossem pessoas consideradas e no testemunho das quais pudéssemos confiar com base.

Nossa escolha recaiu sobre o bispo, o burgomestre e o cônsul britânico de Reykjavik.

O burgomestre aceitou o encargo de examinar tudo, minuciosamente, antes e depois da sessão (as duas peças e o médium) a fim de eliminar a hipótese de fraude. Na noite combinada, quiseram todos os membros da Sociedade assistir à sessão, porém, como no local não podiam caber mais de quarenta pessoas, muitas ficaram de pé durante as experiências.

Essas quarenta pessoas, entre as quais se encontravam as três testemunhas convidadas e que estavam sentadas nos melhores lugares da primeira fila, viram aparecer Jensen onze vezes durante a sessão. Ele se mostrou cercado de uma luz resplandecente.

Um jovem escritor, que mora atualmente em Copenhague e que assistiu à sessão, me disse recentemente: “Jamais esquecerei a sessão em que

quarenta pessoas viram a resplandecente materialização. Apesar de todo o meu cepticismo de antes e depois, penso que, realmente, o que se passou naquela noite atesta bem que existe alguma coisa do Espiritismo”.

Uma das testemunhas, o bispo Hallgrimur Svensson, já não pertence hoje ao nosso mundo. Ingressou no vasto Além, mas as outras duas testemunhas vivem ainda em Reykjavik e podem ser interrogadas. O burgomestre é, provavelmente, um dos cinco juízes que constituem a mais alta jurisdição do país.

O bispo fez muitas sessões no bispado; nunca obtivemos tão excelentes resultados quanto na sua casa. Ele ficou completamente convencido da realidade dos fenômenos e, de uma feita, disse-me: “Só agora eu compreendo muitas coisas do Novo Testamento que jamais pude compreender bem”.

A mediunidade de Indridasson se desenvolveu em vários sentidos. Foi tanto um médium de transportes quanto um excelente médium de voz direta.

Servíamo-nos de dois alto-falantes ou trombetas, nas nossas sessões: uma pequena, que as inteligências invisíveis faziam evolar na sala, e uma outra, um pouco maior, colocada num suporte de ferro, sobre o qual girava. Esse comprido alto-falante ampliava as vozes de maneira espantosa. As vozes diretas cantavam, muitas vezes, perfeitamente bem, especialmente três delas: uma de alguém que pretendia ter sido sacerdote na Islândia, a segunda era a de um cantor e compositor norueguês e a terceira de uma senhora francesa que, segundo o que pudemos compreender, teria sido artista de ópera, na sua vida terrena.

Pudemos, de tempos em tempos, ouvir cantar duas vozes ao mesmo tempo: uma voz feminina de soprano e outra masculina, de baixo-barítono.

Um dos fenômenos, que pudemos várias vezes observar, foi a sala encher-se de um perfume maravilhoso que, em rajadas, se espalhava sobre todos nós.

Além da experiência que consistia no deslocamento de objetos, no local em que realizávamos a sessão obtivemos diversas vezes o seguinte fenômeno: a passagem da matéria sólida através da matéria sólida. Vou dar-vos um exemplo, relatando o que ocorreu numa noite em que o poder

do médium era extraordinariamente grande.

Os espíritos-guias propuseram-nos tentar a seguinte experiência: ir buscar um objeto numa casa da cidade e transportá-lo para a mesa da sala da sessão, através de tetos e paredes. O médium caiu em transe e, sem conhecimento dele, escolhemos a casa donde o objeto devia ser transportado, a fim de excluir logo a hipótese de que o médium tivesse podido trazer o objeto consigo.

Propusemos ao guia a escolha entre a casa do bispo e a de um médico bem conhecido. Os espíritos dirigentes escolheram a do médico, por ter Indridasson estado muitas vezes na casa do bispo.

Logo em seguida ouvimos pancadas como jamais ouvíamos, antes e depois. Demoraram um instante e houve uma pausa durante a qual os guias nos avisaram que haviam tirado o objeto da casa do médico, pelo teto.

Depois da pausa repetiram-se as pancadas e, num curto espaço de tempo, depositaram na nossa mesa um grande vidro, no qual havia vários pássaros conservados em álcool. Telefonou-se imediatamente ao médico para saber se tais coisas lhe pertenciam. Ele afirmou que não.

O médium, que estava então acordado e que se encontrava na sala, foi de novo “tomado” e um dos espíritos-guias declarou, com grande insistência, que fora ele próprio quem tirara o frasco de um armário amarelo, num quarto da casa do doutor, precisamente onde um senhor velho, sentado, conversava com dois outros homens.

Comunicou-se isto ao médico e, depois que este fez investigações, tudo se revelou exato: o sogro do médico estava sentado na peça em que se encontrava o armário, em conversa com dois estranhos. O frasco pertencia ao sobrinho do médico e tinha desaparecido do armário.

Um corpo sólido, através de tetos e paredes e de outros corpos também sólidos, fora transportado pelos espíritos-guias e jazia em cima de nossa mesa.

Estou longe de haver relatado os mais convincentes fenômenos que presenciei. Esses se produziram com violência. Espíritos obsessores, de uma obsessão bem pouco amigável, procuraram várias vezes apossar-se do médium pela força e perturbar o trabalho dos bons espíritos. Desde o primeiro ano, notamos a presença de seres espirituais em situação penosa.

Os guias contaram-nos que entre eles havia alguns que se suicidaram. Um deles falou tão distintamente e de maneira tão característica que muitos membros do círculo pensaram reconhecê-lo.

Esses pobres seres procuravam ajudar os guias e muitas vezes, durante as sessões, fui convidado a orar por eles, em alta voz.

Os guias diziam que a prece era um poderoso auxílio para esses deserdados.

Durante o inverno de 1907-08 um deles causou-nos grande descontentamento, porém creio que é melhor, nesta exposição de fatos, não me estender sobre o assunto.

Já notei que se faz muito pouca experiência, nesse domínio, aqui na Dinamarca e, como teólogo, não me esqueci das palavras de São Paulo de que “há um estado no qual as pessoas não suportam alimento sólido, mas apenas leite como as criancinhas” (I Coríntios, cap. 3, vers. 1 e 2).

Esse espírito atrasado se emendou mais tarde e, após longa ausência, lhe foi permitido assistir de novo às sessões, sendo para os guias um auxiliar muito diligente, um mestre na arte de produzir os fenômenos mais difíceis, por meio da força do médium. Designamo-lo por um nome muito corrente na Islândia: “Jon”;ii dele recebemos boas provas de sua identidade. Desesperado, suicidara-se, precipitando-se ao mar.

Depois de sessões nas quais se produziram grandes perturbações, fiquei convencido de que a luta entre o bem e o mal não termina neste lado do túmulo.

Passados quase quatro anos de experiências, autorizamos um médico muito céptico a tomar parte nas nossas reuniões.

Impusemos-lhe apenas uma condição: a de que não comparecesse somente algumas vezes ou um mês às sessões, mas que, durante todo o inverno, pesquisasse conosco. Era a única maneira de poder ele formar uma opinião acerca dos fenômenos.

Tínhamos então feito construir uma casinha, a qual foi exclusivamente reservada às nossas experiências, porque nosso círculo já aumentara bastante. Havia, às vezes, 70 pessoas presentes na reunião.

A fim de prevenir a possibilidade de compadrio da parte dos assistentes, mandamos então estender, no meio da sala de experiências, do teto ao solo, uma rede. Suas malhas eram tão pequenas que era impossível passar

uma mão através dela. O médium ficava sentado com um fiscal, atrás da rede, e todos os assistentes do outro lado.

Essa disposição não perturbou, de maneira alguma, a marcha dos fenômenos.

Objetos soltos, como uma mesa, uma caixa de jogo, uma cítara, duas trombetas, o suporte, etc. foram, como dantes, deslocados através da rede.

Quase sempre era a mim que cabia o encargo de fiscalizar o médium e assim tive oportunidade de observar os fenômenos melhor ainda do que outro associado.

Bastas vezes convidei o médico céptico para sentar-se comigo bem detrás da rede e observar-me e ao médium. E muitas vezes não me contentei com isso. Certa noite, em que os guias nos prometeram produzir a escrita direta, pedi a um outro médico para ajudar-me a vigiar o médium.

Segurávamos ambos os braços e joelhos do médium e observávamos, ao mesmo tempo, um ao outro. Deixamos ao médico céptico o cuidado de vigiar a mesa, sobre a qual se depositara um pedaço de papel e um lápis. A mesa estava tão afastada do médium que seria impossível atingi-la com o braço, ainda mesmo que tivesse as mãos livres.

Apesar dessas medidas de fiscalização, pudemos (todos os três e cerca de 60 assistentes do outro lado da rede) ouvir claramente o lápis mexer. Pouco depois uma folha de papel veio sozinha voando através do ar e caiu sobre as nossas cabeças, quando estávamos ambos inclinados sobre o médium. Acendeu-se a luz e o médico céptico leu diante de todos o que fora escrito pela mão invisível. Era uma carta curta, amável, que afirmava ter sido escrita por uma moça do grupo dos desencarnados. Essa jovem era a que havia descoberto as faculdades mediúnicas de Indridasson e que, primeiramente, segundo o que nos dissera, se arriscara a pô-lo em transe. O esculápio céptico me disse, depois da sessão, que ouvira uma fraca voz feminina, ao tempo em que o lápis se levantava. Ele ouvira dizer: “Ainda que esteja escuro, vejo da mesma maneira”.

Mais tarde eu disse diversas vezes ao meu amigo médico: “Se a escrita direta que obtivemos naquela noite se produziu graças à fraude, ou por um truque, foste tu o fraudador”.

Devo confiar-vos que aquela cartinha me agradou tanto que não somente a guardei com grande cuidado, mas a fotografei.

Disse antes que tínhamos atrás da rede uma caixa de jogo assim como uma cítara e que ambas foram deslocadas pelas inteligências invisíveis.

O médico céptico amarrou na cítara uma fita fosforescente, que brilhava na obscuridade. Podíamos, assim, observá-la por mais longe que ela voasse. Os espíritos tocaram, muitas vezes, música nas cordas da cítara, enquanto, com a rapidez de um relâmpago, a deslocavam no ar. Todos os experimentadores podiam observá-la porque a faixa fosforescente indicava, constantemente, onde a cítara se achava.

Certa noite a fita se soltou da cítara e caiu no chão, evidentemente, por trás da rede. Poucos instantes depois ela foi levantada no ar e, como o médico meu vizinho e eu vigiávamos o médium, pudemos ver três dedos, da cor natural da carne, que faziam passear a fita no ar, no-la tornando a entregar.

A vos de Jon vibrou, como sempre, triunfante. Não eram os seus dedos materializados que havíamos visto?

Durante esse inverno tivemos um novo período de sessões agitadas, porém dessa vez o velho agitador Jon se tornara um auxiliar inapreciável para os espíritos-guias. Tomou conta de mim e do médium sempre que os outros espíritos queriam importunar-nos.

Como exemplo do que poderia acontecer-nos, relato o seguinte caso:

Estava eu sentado, certa noite, a sós com o médium, por trás da rede, quando apenas três homens assistiam à sessão, do outro lado: o médico céptico Gutmundur Hannesson, o oculista Björn Olafsson e o escritor Einar H. Kvaran.

Depois de áspera luta com duas inteligências, particularmente grosseiras em suas expressões, coloquei-me com o médium na escada conducente à cadeira.

Passei-lhe os braços pelos ombros e apertei-lhe as pernas entre os meus joelhos, para fiscalizá-lo. Então a cadeira, que era fixa na parede e no chão, foi, de repente, arrancada, quebrada e atirada ao solo, junto à rede. Continuei a segurar o médium, com força, porém fui com ele agarrado por uns como braços que se moviam no ar, de modo que voamos e fomos cair um pouco mais longe.

Feri, desastrosamente, as mãos na queda e o médium ficou de tal modo comprimido entre as peças da cadeira quebrada que uma farpa de madeira

se lhe enterrou profundamente na carne, ao cair.

Aqui, devo prevenir uma objeção que alguns dos meus ouvintes farão talvez, dizendo: “Neste caso, tivestes bem a prova de que estáveis em comunicação com maus espíritos ou demônios”.

Penso de maneira diversa. Em geral, faz-se uma idéia absolutamente falsa desse gênero de fenômenos, desde que, ao relatá-los, se omita tudo o que as inteligências dizem. Por isso dou-me pressa em fazer saber o que, de um lado, os maus espíritos diziam e, de outro, o que falavam os espíritos-guias.

Um deles era chamado “Capitão”, pois fora, conforme declararam, piloto de um barco de pesca que, com toda a tripulação, desaparecera por ocasião de um naufrágio recente. Segundo contaram, tinham ido para bordo e se entregado ao álcool. Após longa luta com um tempo terrível, pereceram no sinistro, perto da costa.

Um dos guias de Indridasson, dando uma explicação mais clara, disse que eles eram tão maus quanto bêbados e que, nesse estado, tinham morrido afogados. Acrescentou ser perigoso encontrar-se alguém bêbado por ocasião da brusca passagem da vida para a morte. Tal estado, inevitavelmente, se prolonga do outro lado, donde deduzia que eles ainda não se haviam percebido da sua situação. Depois de algum tempo as desordens cessaram. Uma noite as mesmas inteligências se manifestaram de novo, mas fora do médium, por via direta. Estavam inteiramente calmas e pediram-nos perdão por tudo que haviam feito. E o “Capitão” acrescentou: “Não sabíamos realmente o que fazíamos; sentíamo-nos como embriagados”.

O médico céptico, que é atualmente professor na Universidade de Reykjavik, ficou, nesse inverno, absolutamente convencido da realidade dos fenômenos e inscreveu-se como membro de nossa sociedade.

No ano seguinte ele escreveu em um jornal uma série de artigos sobre as suas pesquisas e ali fez a seguinte declaração: “Ainda que, em cada sessão, das realizadas por todo o inverno, buscasse descobrir fraude ou truque, jamais pude encontrar nem um nem outro. Ao contrário, fiquei convencido de que os fenômenos eram reais. E sou sempre desta opinião.”

Antes de partir da Islândia, tivemos uma conversa e ele me disse, entre outras coisas o seguinte: “Podes estar certo de minha absoluta convicção

de que os fenômenos são, indubitavelmente, verdadeiros”.

Foi verdadeiramente trágico ter morrido esse excelente médium Indridi Indridasson tão jovem ainda! Em junho de 1909, quando as suas faculdades mediúnicas estavam no apogeu, obteve férias de verão e partiu para a casa de seus pais, com sua mulher. Durante essas férias contraiu tifo. Sua esposa contaminou-se e morreu; desde essa ocasião não obteve melhoras e, assim, mais sessão alguma realizamos com ele. Em pouco tempo a tísica se declarou e ele morreu durante o verão de 1912 no Sanatório Vifilstad.

Lastimo que o tempo não me permita expor-vos algo acerca dos numerosos e bons espíritos que se manifestaram nas nossas sessões e que nos deram provas de suas identidades.

Pus em destaque os aspectos dos fenômenos que são os mais dificilmente explicáveis pela teoria animista.

As inteligências com as quais nos mantivemos em relação durante todos esses anos se mantinham tão pessoais quanto nós mesmos.

Elas se propuseram apenas a um fim, durante esses cinco anos: convencer-nos da importância de suas afirmativas de que eram espíritos desencarnados, que tinham outrora vivido na Terra.

Fiz muitas experiências, posteriormente, tanto na Inglaterra como na Islândia, e todas elas só serviram para fortalecer a convicção que possuo, graças à maravilhosa mediunidade de Indridasson.

Sei perfeitamente bem que muitos querem explicar os fenômenos pela telepatia ou pela subconsciência do médium; outros pela irradiação do corpo humano. Quando, de tempos, ouço ou leio especulações feitas por homens sábios que escrevem, sentados nos seus gabinetes, sem terem ao menos assistido a uma sessão, quando vejo que eles querem tudo ajustar às suas próprias teorias para excluïrem a explicação espírita, pergunto, interiormente, a mim mesmo: “Podem eles achar uma explicação para as minhas mãos inchadas e para o prego enterrado na carne do médium?”

Não posso impedir-me de duvidar que a telepatia seja realmente bastante poderosa para arrancar cadeiras solidamente pregadas. Gostaria de ver em meu lugar, na noite em que fui levantado do assento no chão, um desses doutos cépticos que discorrem sobre os fenômenos psíquicos sem terem tomado parte numa única sessão espírita. Essa “viagem aérea” teria bem

convindo a todos.

Mister se faz insistir sobre esse ponto, porque não foi nem um único fenômeno, nem um acontecimento determinado, que me deu esta firme convicção, mas a observação do seu processo e do seu conjunto. Vi os fenômenos em sua origem, em sua plenitude e em seu desaparecimento. Observei-os quando o poder do médium estava no seu apogeu e quando prestes a desaparecer. É por isso que todos aqueles que experimentaram com Indridasson durante um certo tempo chegaram, como eu, ao conhecimento (apesar de bastante limitado), à compreensão de fenômenos que de outra maneira não se explicariam. Para dizer tudo, experimentei na Islândia com dez médiuns e tomei parte em várias sessões com quinze médiuns, na Inglaterra.

A maior parte desses médiuns eram ingleses, porém alguns americanos. Quanto mais me entregava às pesquisas psíquicas, quanto mais lia os estudos dos outros (e sobre o assunto li muito) melhor compreendia ser indubitável que a comunicação entre os espíritos desencarnados e os encarnados só se estabelece com grandes dificuldades. Mas, ao mesmo tempo, compreendi claramente que as outras explicações eram insuficientes e que somente a hipótese espírita permite abraçar todos os fenômenos.

Conquanto não tenha a menor dúvida acerca das conclusões a que conduzem as investigações psíquicas, sustento que temos a obrigação de exigir sempre novas provas. Devemos recolhê-las porque nada é mais prejudicial ao progresso da nossa causa do que a credulidade e a falta de argúcia de muitos espíritas. Mesmo quando um médium de incorporação profere uma alocução, não há nisso nenhuma prova certa de que ela provenha de um espírito desencarnado. É por isso que não posso compreender que alguém se meta a formar um círculo espírita unicamente porque dispõe de um médium de incorporação. Bem sei que nas primeiras comunidades cristãs tais fenômenos produziram profunda impressão e que se escutavam, com prazer e viva atenção, esses inspirados.

Porém, se volvemos, com o maior respeito, os nossos olhares para o tempo dos apóstolos, precisamos, entretanto, ser mais críticos no século XX. Não deposito confiança na faculdade mediúnica de qualquer pessoa sensível enquanto dela não receber uma boa prova.

Se o tempo mo permitisse, seria para mim grande alegria dar-vos uma prova convincente das dificuldades inerentes à comunicação entre as duas formas da existência, porém é impossível.

Também narrar-vos-ia, de boa vontade, as minhas experiências na Inglaterra, porém devo renunciar a isto pela mesma razão.

Vou, entretanto, relatar, o mais brevemente possível, alguns casos acontecidos no verão de 1910.

Durante o inverno de 1909-10 fiz experiências, por um momento, com certa médium que é casada, atualmente, com um juiz da Islândia. Nessas sessões, que se realizavam em plena luz, uma inteligência que muitas vezes se incorporou pretendia ser um dos meus espíritos protetores e forneceu-me diferentes provas de sua identidade.

A inteligência disse que seu nome fora Ingeborg, em que parte da Islândia vivera e quando e como desencarnara.

Escrevi para a Islândia e recebi de uma senhora idosa a seguinte informação: “Realmente, uma mulher, de nome Ingeborg, existira naquele lugar e falecera da maneira indicada nas sessões”.

Não pude encontrar em Reykjavik uma só pessoa que tivesse conhecimento dessa existência.

Antes de partir para a Inglaterra, realizei uma sessão com a médium em questão e tive uma conversa com “Ingeborg”.

Perguntei-lhe se ela queria tentar dar-me um sinal da sua presença pelo vocabulário de um médium inglês. Respondeu-me que estava disposta a fazê-lo e que buscaria dar-me o seu nome. Lembrei-lhe que os nomes são sempre difíceis de transmitir e precisamente ela encontraria dificuldade em trabalhar com um médium inglês para o qual os nomes islandeses eram inteiramente estranhos. Então ela propôs que convencionássemos um sinal pelo qual ela se faria conhecer. Essa idéia me satisfez e lhe propus que, se ela conseguisse manifestar-se na minha presença, por um médium inglês, levantasse a mão direita no ar.

Essa sugestão não teve a sorte de agradar a Ingeborg; quis, ela própria, escolher o sinal com o qual eu estivesse de acordo: “Mostrar-me-ei com uma cruz”, disse-me ela, porém não ficamos inteiramente de acordo porque eu achava que isso era banal e que se diria depois ser apenas uma feliz coincidência.

Então ela disse: “Mostrar-me-ei, primeiramente, com uma cruz, em seguida a enlaçarei e a beijarei”.

Fiquei satisfeito, porque o sinal convencional entre nós se decompunha em duas partes e não seria fácil explicá-las no caso em que a experiência tivesse bom resultado.

Logo depois da minha chegada à Inglaterra, antes que assistisse a uma sessão qualquer, com médiuns profissionais, fui, certo dia, convidado para almoçar na casa de um rico inglês que havia muito se interessava pelas pesquisas psíquicas.

Entre os hóspedes, à noite, encontrava-se um comerciante, que era dotado de brilhantes faculdades mediúnicas. Era clarividente, médium de materialização, como também médium de incorporação, porém não fazia sessões com seus amigos e se guardava segredo de que ele estava de posse de uma tal mediunidade, porque temia que seus fregueses não o deixassem em paz se soubessem de semelhante coisa.

Nosso hospedeiro, que era amigo íntimo do negociante, fez-nos saber que ele lhe prometera conceder uma sessão. Esta foi para nós a mais interessante possível. Nela vi o espírito de uma criança de quatro anos materializar-se bem perto da minha cadeira, tendo eu observado, da maneira mais minuciosa, o processo da materialização e examinado longamente o semblante sedutor da criança.

Recebi então a comunicação desejada de Ingeborg. Por felicidade, um dos assistentes observava tudo o que se passava no decurso da sessão. Tive, primeiramente, uma descrição de minha falecida mãe e uma longa mensagem dela. Escutei, sem dizer palavra. Depois o espírito-guia do médium anunciou que chegara uma senhora, a qual se mostrava com uma cruz. E agora, seja-me permitido recordar algumas palavras inglesas, consignadas pelo redator da ata da sessão: “A lady with a cross. She helps and keeps you. Se kisses it” (Uma senhora com uma cruz. Ela vos ajuda e vos protege. Beija a cruz).

No dia seguinte o secretário da sessão me deu um extrato do processo verbal relativo ao que me concernia, extrato que conservo ainda.

Um outro caso: Antes que eu partisse em viagem, os espíritos-guias de Indridasson lhe comunicaram várias vezes que destacariam um do seu grupo para acompanhar-me à Inglaterra. Indridasson havia então partido

para a casa dos seus pais, porém me escreveu uma carta que eles estavam de acordo com a escolha da senhora que o fizera cair em transe e da qual falei várias vezes nesta exposição.

Seu verdadeiro prenome era Sigrid, porém nas sessões foi sempre chamada “N. N.”.

Como podeis pensar, eu esperava justamente que “N. N.” se manifestasse por médiuns ingleses. Para os cépticos, que crêem que os desejos dos experimentadores são as causas profundas dos fenômenos, é claro como o dia que eu devia ouvir algo de “N. N.”, pois que esperava, vivamente, ouvi-la falar. Se essa explicação é verdadeira, como é notável que os meus pensamentos e desejos não tenham nada obtido dela, nem por um, nem por outro médium!

Ao contrário, uma das minhas sobrinhas, que se casara com Indridasson e que falecera 3 a 4 anos antes, se manifestou pelo vocabulário de quatro médiuns. Obtive uma excelente descrição dela na casa do bem conhecido médium Alfred Vout Peters, na primeira vez que o vi.

Tinha ela dois prenomes. O primeiro, ela mo deu por intermédio da médium conhecida por Parma, em Londres. O segundo pela Srta. McCreddie. Em casa desses três médiuns as descrições, mesmo acerca das circunstâncias de sua morte, foram tão exatas que aí não podia haver engano.

Quando, para meados de setembro, voltei à Islândia, estava muito enganado pensando que os ensaios com “N. N.” estivessem completamente paralisados.

À minha chegada encontrei logo depois Indridasson, que voltara à cidade. Depois que nos cumprimentamos, porém antes que nos sentássemos, ele me disse:

“Relativamente a “N. N.”, uma grande mudança se operou depois que lhe escrevi. Numa das primeiras noites que se seguiram à expedição da minha carta, “R. G.” (isto é, o guia principal) veio a mim e me disse: “Modificamos nossa resolução a respeito daquele que deve acompanhar o pastor Nielsson à Inglaterra. Achamos que a prova seria bem mais forte se ele não suspeitasse quem do grupo iria acompanhá-lo, mas soubesse apenas que seria um de nós. Eu lho digo agora para que seja testemunha de que queremos deixar partir com ele a sua própria sobrinha, vossa

falecida esposa, e não “N. N.”.

Tudo se esclareceu em mim e compreendi então por que a fiel “N. N.” não se manifestara no decurso da minha viagem à Inglaterra.

Ao contrário, por quatro médiuns, manifestara-se sempre a minha sobrinha. Tive a confirmação de que Indridasson fala a verdade quando, um pouco mais tarde, encontrei minha irmã. Durante a estação de verão ela fora visitar Indridasson e, conquanto a saúde deste não fosse muito boa, ele quis conceder-lhe uma sessão, na expectativa de que a filha dela se manifestasse. Com grande espanto deles, um dos guias de Indridasson lhe comunicou, durante o transe, que a moça fora encarregada de acompanhar o tio na sua viagem à Inglaterra e que por essa razão não se manifestaria na Islândia.

Posso acrescentar, para aqueles que têm pouco conhecimento desses assuntos, que este fato é notável, porém me aterei somente aos fatos sem pretender explicá-los.

A resistência que encontram sempre as ciências psíquicas provém principalmente da falta de conhecimentos. A maior parte dos homens é, nesse domínio, completamente ignorante e assim deixa-se facilmente espantar pelos esforços da imprensa em ridicularizar essas coisas.

Existem poucos que tenham tido oportunidade de observar os mais convincentes e importantes fenômenos, por isso não é extraordinário que não estejam convencidos de que, pelo menos, alguns desses fatos provenham de um mundo desconhecido.

Quando reflito em toda essa luta que se trava sobre a explicação dos fenômenos, lembro-me muitas vezes de um pequeno acidente da minha vida pessoal, porém antes que vos fale dele devo fazer notar que, justamente, em face de Reykjavik, do outro lado do fjord, ergue-se uma alta montanha chamada Esja.

Foi no verão de 1901. Eu viajava pela primeira vez pelo sudeste da Islândia, onde Gunnar e Njal moravam. Viajava a cavalo e tinha por companheiro um teólogo. Na viagem de volta disse-lhe:

“Vi enfim a planície meridional da Islândia, a região rica em recordações. Na verdade, já a vi uma vez. Eu escalei o Esja, a 8 de setembro de 1893, com o teólogo Dr. Helgi Pjeturss. O ar estava tão límpido, tão claro, que podíamos divisar, ao longe, para leste, até Oefjeldsjokulen, e percebemos

as azuis ilhas de Vest, que emergiam do mar”.

“Isto não tem sentido – respondeu o meu amigo –. É impossível do Esja divisar, a leste, a cadeia de montanha. Escalei também, um dia, o Esja e não se tinha nenhuma perspectiva para leste”.

E ele citou o nome daquele com quem fizera a ascensão, um chefe de serviço de Copenhague, acrescentando, é verdade, que haviam subido a um outro ponto que não o meu, porém me assegurou que atingiram o mais alto cimo.

Expliquei-lhe que estava certo do que lhe adiantara. Lembrava-me muito bem de quanto a perspectiva fora arrebatadora, porém ele pretendia que eu me enganara. E chegamos a discutir vivamente o assunto.

Cheguei à conclusão de que era mais razoável calar-me. Cavalgamos, um momento, lado a lado, sem dizer palavra.

No meu silêncio, refletia que, assim voltássemos a Reykjavik, iria procurar o Dr. Helgi Pjeturss e o tomaria como testemunha de que eu dissera a verdade. Naturalmente, assim fiz, logo que chegamos em casa. O Dr. Pjeturss se recordava tão bem quanto eu de que, para o lado de leste, havíamos avistado além da cadeia de montanhas e que era um panorama maravilhoso. O meu amigo não teve outro recurso senão o de calar-se.

Durante numerosos anos eu me espantava ainda de que ele não tivesse conseguido ver do outro lado. Alguns anos mais tarde dois estrangeiros pediram-me para fazer com eles a escalada do Esja. Chegamos um pouco tarde e resolvemos escalar a montanha no mesmo lugar em que o meu amigo teólogo e o chefe de serviços haviam subido.

Podia-se ir a cavalo até certa parte do percurso e a subida só era difícil no ponto em que eu e o teólogo tínhamos outrora passado para atingir o ponto culminante.

Quando alcançamos esse ponto e começava eu a gozar da magnífica perspectiva, descobri com profunda estupefação que desse lugar a vista não alcançava além da cadeia de montanhas, a leste. O Esja não é, precisamente nesse lugar a que atingimos, tão elevado quanto em outros lugares.

Eu compreendia agora o meu amigo e verificava que ele não se enganara. Todavia ele não tinha razão: Do Esja pode-se ver a leste, além da cadeia de montanhas. Todos na Islândia o sabem, todos aqueles que se deram ao

trabalho de escalar o mais alto pico. Para dizer verdade, eles são pouco numerosos. Os homens são tão preguiçosos que não querem escalar a montanha íngreme.

A longa disputa entre mim e o meu amigo provinha do seguinte: ele nunca atingira o mais alto cimo donde se goza de perspectiva sobre o outro lado e o meu erro residia em não ter notado quanto tudo depende do lugar da montanha donde se parte e da altitude a que se chega. Não se dá o mesmo com os fenômenos psíquicos. Do ponto culminante da cadeia de montanhas pode-se ver em todas as outras direções. No Além, porém, se não subirmos tão alto não perceberemos embaixo senão o vale da existência terrestre, no qual vivemos.

Não posso dissimular que sinto certa alegria – como nesse dia em que se tratou da perspectiva do Esja – ao pensar que, absolutamente certo da questão, possa ouvir um materialista servir-se de palavras bombásticas, crendo, verdadeiramente, que pode destruir com zombarias o mais precioso bem da humanidade: a esperança de uma vida eterna.

É o mesmo sentimento que se apodera às vezes de mim, quando ouço os zelosos, os pretensos ortodoxos, que são, em regra geral, pessoas da Igreja, muito ignorantes nesse terreno, falar contra o Espiritismo e contra os resultados mais importantes das pesquisas psíquicas.

Rejubilome, entre outras coisas, por ver desde já em seus semblantes um sorriso de desculpa quando estivermos todos no vasto além.

Creio que cada um deles me dirá algo de semelhante ao que o meu amigo deveria ter-me dito: “Era porque tinhas escalado o cimo mais elevado, ao passo que eu não me dera ao trabalho de subir tão alto”.

ⁱ Efetivamente, este caso não é o único nos anais do Espiritismo. Temos, entre outros:

a) a desmaterialização parcial do corpo da médium Sra. d’Espérance, na Finlândia, narrado por Alexander Aksakof no seu livro *Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium*;

b) a desmaterialização total do corpo do médium marquês Centurione Scotto, na Itália, relatado pela Sra. Gwendolyn Kelley Hack em *Modern Psychic Mysteries*;

c) a desmaterialização total do corpo da médium Sra. Prado, no Brasil, relatado por Nogueira de Faria em *O trabalho dos mortos*; e

d) o desaparecimento do pé direito do médium Lijs, contado na *Spiritische Bladen*, órgão da Federação Espírita Neerlandesa “Harmonia”. (N. T. B.)

ii Trata-se do padre Jon Svensson, jesuíta, o tão curioso escritor islandês que adquiriu renome mundial na literatura. Escreveu as *Narrativas Islandesas*. (N. T. B.)